



JUVENTUDE E A FÉ CRISTÃ

Youth and the Christian Faith

*João Batista Libanio SJ **

Resumo: As tipologias da juventude nem sempre dão conta da pluralidade. Analisá-la a partir, porém, das tendências permite maior flexibilidade na compreensão da situação existencial dos jovens. Elas se definem conforme eles se relacionam com o próprio corpo, com a dimensão psíquica, com o aspecto intelectual, com o movimento em direção à Transcendência e com a práxis vivida no interior de determinada cultura. Em cada um dos aspectos estudados estabelece-se o confronto com a fé cristã. A complexa situação das juventudes desafia a prática pastoral da Igreja. Ao compreender as linhas fundamentais culturais e religiosas que as marcam, cabe à pastoral a dupla tarefa de afirmar os aspectos positivos percebidos e contrapor-se àqueles que não preparam os jovens para vida adulta humana e de fé. A maturidade na fé se constrói lentamente, ao enfrentar as provocações das tendências culturais e religiosas.

Palavras-chave: Juventude, Tendência, Corpo, Afetividade, Espiritualidade, Fé.

Abstract: The types of youth do not always realize the plurality. However, analyzing it from the trends allows greater flexibility in the understanding of the existential situation of young people. They define themselves as they relate to their own body, with the psychic dimension, with the intellectual aspect, with the movement towards the Transcendence and with the lived practice within a particular culture. In each one of the aspects studied the confrontation with Christian faith is established. The complex situation of the youth challenges the pastoral practice of the Church. By understanding the fundamental cultural and religious lines that mark, it shall be the task of the pastoral activity to affirm the positive aspects perceived and counteract those that do not prepare young people for adult living and for a faith life. Faith maturity is built slowly in the process of facing the provocations of the cultural and religious trends.

Keywords: Youth, Trend, Body, Affectivity, Spirituality, Faith.

Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia. Artigo submetido a avaliação em 30.01.2013 e aprovado para publicação em 26.02.2013.

Introdução

A fé só existe vivida. Fé cristã, sem mais, na busca dos elementos fundamentais, essenciais e ideais, não passa de abstração. Mas imediatamente o olhar volta-se para o real e percebe como ela se manifesta tão diversamente nas pessoas, idades, culturas, regiões.

A mesma consideração vale para juventude. As tipologias ideais, nas pegadas de Max Weber, ajudam-nos a organizar traços que depois se encontram no concreto dos jovens de maneiras plurais e nuançadas.

Tipologias, modelos, esquemas mentais, cenários, enquanto categorias teóricas, pretendem facilitar entender o real da juventude, sem nunca, porém, defini-la completamente.

Para obviar a defasagem, usaremos a categoria da *tendência*. A partir da observação do comportamento dos jovens, indicamos o movimento em que eles se encontram. Cabe a eles, tanto em nível pessoal como grupal, analisar e dizer-se em que altura da tendência se encontram. Uns estarão bem no início, apenas dando-se conta do movimento. Outros lá vão a meio caminho ou já avançaram mais. O ponto de partida se situa na cultura tradicional que se desloca pela modernidade adentro até ao que se convencionou chamar de pós-modernidade. E os traços indicados contemplam diversos meios sociais, religiosos, culturais, sem formar um bloco único e homogêneo.

A permeabilidade cultural favorece a mistura de elementos de diversos momentos e ambientes. Vale observar aquelas características marcantes e dominantes para pensar o choque que elas provocam em face de traços, também eles idealizados e tendenciais, da fé cristã.

A rapidez com que os jovens se movem no interior das tendências cresce por força dos meios de comunicação social que circulam velozmente por todo o mundo. As gerações novas imergem cada vez mais no mundo virtual, ao frequentar a internet nas salas de bate papo, *chats*, *facebook* e similares. Adquirem nova forma de expressão, de concepção da realidade, ao haurir inúmeras e diversificadas fontes de informação e conhecimento. A composição existencial fragmenta-se, desfaz-se e reestrutura-se continuamente, dificultando assim qualquer tipologia fixa. A tendência deixa liberdade para que o jovem se situe no fluxo contínuo em que vive. Ela indica o movimento, mas não o momento ou estado em que determinado jovem se encontra. Permite entender o fluir da vida no mundo jovem.

O conjunto de tendências oferece o quadro presente da juventude sem fixá-lo em determinados pontos. Nem todas gozam da mesma relevância para a compreensão do jovem e para o respectivo confronto com a fé cristã, aspecto sob o qual as abordamos. Em outras palavras, interessa-nos a perspectiva da evangelização.

Em outro momento, elaboramos 46 tendências da juventude, seguidas de reflexões pastorais¹. Nesse artigo, seguiremos caminho mais curto, com acento na perspectiva da fé.

A tendência a respeito do corpo

Considerações fenomenológicas

A cultura atual tem modificado profundamente a relação com o corpo. A juventude mostra-se altamente sensível a tal deslocamento. Ele deixou de ser objeto de risco para a virtude, de campo de sacrifícios e renúncias. A relação corpo e prazer, corpo e cultivo soava pouco recomendável nos ambientes religiosos. Sensualidade, vaidade faziam parte dos defeitos a serem combatidos.

O exemplo de santos, que se mortificavam para guardar pureza ilibada, servia de incentivo e estímulo aos jovens. No mundo popular, as condições econômicas não permitiam cuidado especial com o corpo.

Facilmente se assimilavam os ensinamentos moralizantes. Em grupos de melhor condição econômica, confluíam, para mantê-lo sob regime de submissão, tanto a perspectiva espiritual de sacrifício como a social de compromisso. Ambas encaravam o corpo como campo de domínio, de austeridade em nome da virtude ou do engajamento político.

A tendência atual caminha em outra direção. Esmera-se no cuidado com o corpo. Multiplicam-se as academias, não intelectuais, mas de ginástica, de esporte, do físico. Modela-se cada vez mais o corpo como obra de arte. A cirurgia plástica tanto reparadora como estética, os clubes, as ginásticas especializadas e personalizadas, a malhação lapidam os corpos segundo os modelos de beleza da cultura presente e do desejo do jovem. Aqui joga o papel relevante da mídia que fabrica modelos e impõem-nos à geração jovem. Os concursos de *miss* e *mister*, as revistas femininas e masculinas com extrema exposição dos corpos, as imagens veiculadas nos portais da internet forjam os imaginários de beleza física².

Maria Rita Kehl, em excelente e breve artigo, retrata a função do corpo de representar-nos no “mercado das trocas imaginárias”. Por meio dele ofere-

¹ LIBANIO, J. B. *Para onde vai a juventude?: reflexões pastorais*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2012.

² Percucientes e perspicazes análises sobre a tirania do modelo de beleza na cultura atual são trabalhadas sob a ótica de verdadeira doença por: ANDREOLI, V. *L'Uomo di Superficie*. Milano: Rizzoli, 2012, p. 165-186.

emos ao olhar alheio a imagem que nos garante lugar no palco das visibilidades em que se transformou o espaço público no Brasil. Sob outro sentido, somos o corpo que ostentamos, que nos determina oportunidades de trabalho e de rápida ascensão social. Ela usa a metáfora de “vestir o corpo”, “preparado cuidadosamente à custa de muita ginástica e dieta, aperfeiçoado por meio de modernas intervenções cirúrgicas e bioquímicas”. Trata-se de um “corpo-imagem” que apresentamos ao “espelho da sociedade”. Determina-nos a felicidade por constituir o objeto privilegiado do nosso amor próprio, da auto-estima, de investimento do amor narcísico. Os jovens caem fortemente sob a escravidão da “rigorosa disciplina da indústria da forma”, “enganosamente chamada de indústria da saúde”. Numa palavra, resume a psicanalista: “vivemos em uma cultura do corpo”. O sentido da vida resumiu-se para muitos, especialmente jovens, na “produção do corpo”³.

Os preços e a sofisticação cultural da estética corporal tinham-na mantido até então como privilégio das classes abastadas. A situação modificou-se. Em letras garrafais, como constatação da melhoria social do povo brasileiro, vemos a manchete: “Classes C e D se submetem a cirurgias plásticas, frequentam salões de beleza”. Ei-las inseridas no mundo dos cuidados especiais com o corpo.

Mesmo que a distância real econômica e social permaneça, acontecem, observa Maria Rita em outro artigo, identificações entre os jovens de diversos segmentos sociais através das imagens industrializadas. “Poucos são aqueles capazes de consumir todos os produtos que se oferecem ao adolescente contemporâneo – mas a imagem do adolescente consumidor, difundida pela publicidade e pela televisão, oferece-se à identificação de todas as classes sociais. Assim, a cultura da sensualidade adolescente, da busca de prazeres e novas ‘sensações’, do desfrute do corpo, da liberdade, inclui todos os adolescentes”. Acontece que uns fazem jus ao “ideal publicitário do adolescente hedonista, belo, livre, sensual” pela inclusão real e outros somente pela via da imagem, embora excluídos das possibilidades de consumo. Isto favorece, observa a psicanalista, “um aumento exponencial da violência”⁴. No fundo, existe na juventude excluída economicamente do mesmo mundo de consumo da elite, mas identificada simbolicamente com ele, revolta latente com surtos de explosão violenta.

A geração jovem, antes preferentemente feminina, hoje já masculina, entrega-se a manipulações do corpo: cirurgias craniofacial, do tórax, do abdômen, *peeling* facial, cuidado com o cabelo, com o porte físico, etc. O corpo

³ KEHL, M. R. Com que corpo eu vou? In: www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs3006200209.htm, disponível a 02 de janeiro de 2013.

⁴ KEHL, M. R. A juventude como sintoma da cultura. In: www.mariaritakehl.psc.br/resultado.php?id=75, disponível a 02 de janeiro de 2013.

de modelos ou de “famosos pela beleza” fica no horizonte do desejo. Assim aparece entre as mil novidades do Provedor Terra a manchete: “Nariz de Kate Middleton é o mais pedido em cirurgias plástica”. Vai-se da beleza convencional até formas extremamente exóticas. Mas, em todos os casos, o corpo ocupa o centro.

A tendência da valorização do corpo atinge os rapazes e as moças com o consequente efeito de que a distância entre eles no referente ao exterior tem diminuído. As moças cultivam corpo, às vezes, beirando o atlético e os rapazes burilam-no com toques femininos de *pierces*, anéis, braceletes, brincos. Atravessa tal tendência o traço de narcisismo tão acentuado na cultura pós-modernidade. Paulo Coelho retoma o mito de Narciso e reforça o narcisismo na figura do lago que se transformara “num cântaro de lágrimas salgadas. O lago chorara a morte de Narciso, porque não podia ver nos olhos dele sua própria beleza: Choro por Narciso, porque todas as vezes que ele se deitava sobre minhas margens eu podia ver, no fundo de seus olhos, minha própria beleza refletida”⁵.

A geração jovem narcisista afirma com vigor a realidade do próprio corpo. Ela não só lhe realça a importância, como também o exterioriza de maneira incisiva e “sarada”. Numa palavra, persegue o ter e o ser em vista do aparecer no espírito da pós-modernidade. Vale mais a aparência do que a consistência do existir.

Trata-se de narcisismo algo original. Porque ele não se fixa somente na contemplação gozosa da própria beleza, mas talvez principalmente deseje ser contemplado e louvado por outros/as.

A tendência de supervalorização do corpo carrega dentro intrigante paradoxo em relação ao tratamento que se deu ao corpo ao longo da tradição cristã. Esta domou o corpo como adversário do espírito. Submeteu-o por força da vontade a castigos, autoflagelações, disciplina rígida a fim de que a vida espiritual florescesse. A motivação vinha da ascese, da concepção de corpo em luta com a alma. Fazer sacrifício se tornara termo consagrado.

A geração jovem submete também o corpo à disciplina com ginásticas pesadas, com jejuns forçados, com exercícios regulares, exigentes e frequentes. Mas a motivação que a anima a tais rigores não vem do lado espiritual, mas do culto exterior do corpo para luzi-lo sarado diante dos outros. A tendência se firma, portanto, na linha da valorização do corpo por ele mesmo. Vale pela beleza e pelo prazer que oferece em vez de ser visto como adversário no combate espiritual. O ideal grego do cultivo do corpo para lapidá-lo unia à beleza a bondade. Criara-se o axioma: *kalós kai agathós* – belo e bom. E

⁵ COELHO, P. *O Alquimista*. 36. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1990, p. 18.

para exibir a beleza do corpo os gregos praticavam o esporte nus nos ginásios – que em grego deriva da palavra *gymnós* – nu.

A geração atual retoma esse culto, já não na perspectiva antropológica do homem completo grego, mas hedonista, materialista, voyeurista. Faz-se verdadeira igualdade de felicidade e prazer imediato do corpo. E cada um se sente responsável por realizar tal identidade.

Ao lado do cultivo extremo com o corpo, existe, de outro lado, não pequeno desleixo por causa da vida sedentária imposta pela sedução do mundo virtual. Jovens substituem a ginástica, o esporte, o contato físico com amigos por intermináveis horas colados à abundante oferta múltipla da internet: *MSN, facebook, twitter* e semelhantes. Aí estão adolescentes e jovens obesos com cara de tresnoitados. Assim coexistem duas tendências opostas, mas inseridas no contexto atual: a sedução do corpo bonito e forte, de um lado e, de outro, o crescente fascínio pela internet com descuido do corpo.

Outra tendência respeito ao corpo se expressa na concepção da sexualidade. G. Lütte, em excelente estudo sobre a adolescência e juventude, afirma que na Idade Média, contra o que muitos dizem de ela ter sido tempo de repressão eclesial, a sexualidade se expressava com maior liberdade que nos começos da era industrial. As mudanças nos costumes e moral sexuais vieram por influência da classe burguesa, imersa na sede de acumular capital. Exaltava-se então o trabalho e opunha-se a tudo que o perturbava, como o prazer, especialmente sexual. Lütte continua dizendo que, a partir do século XVIII, lançou-se verdadeira campanha de repressão terrorista contra a masturbação. A Igreja, a medicina, os educadores, os moralistas, a família, os movimentos de jovens castravam os adolescentes, reservando a vida sexual unicamente para os adultos⁶.

Muito dessa visão durou, sobretudo em meios religiosos, até a década de 60, quando explodiu a liberação sexual com o famoso slogan de Maio 1968: “É proibido proibir”. A sexualidade tornou-se um valor em si, independente de qualquer outra realidade. A responsabilidade, o temor cederam espaço para o desejo de experiência, para a ousadia, libertando-se dos escrúpulos, dos freios, do superego que censuravam e reprimiam o mundo sexual. Buscava-se, nem sempre com êxito, a superação da culpabilidade no campo sexual. Pois, em pleno século XXI, aparecem movimentos de jovens que retomam a preocupação com os pecados contra a castidade, culpabilizando qualquer busca de prazer sexual fora do matrimônio.

A tendência da supervalorização do corpo tem-se imposto, de maneira ampla, nas últimas décadas. No entanto, percebe-se já na evolução das

⁶ LÜTTE, G. *Liberar la adolescencia: la psicología de los jóvenes de hoy*. Barcelona: Herder, 1991, p. 28s.

gerações desde o pós-guerra crescente processo em tal direção⁷. Tudo começa com os *baby-boomers*, depois da 2ª Guerra Mundial. Eles se proclamaram libertários, ao reivindicar o direito de ser jovem e inventar determinado estilo juvenil de mostrar-se. Liberdade se tornou a palavra mágica: em casa, no campo sexual, no mover-se, na rua, nas passeatas, nos grandes festivais. Lançou-se o discurso Paz e Amor, unido a exterior exótico. Começaram então as grandes mudanças no mundo juvenil.

Em seguida, vem a Geração X das décadas de 60 e 70. Reforça a realidade do corpo como fonte maior de prazer. A sensação de que a vida passa rápido e de que não se pode perder tempo impele a compulsão da busca sôfrega, momentânea do prazer, vivido sem culpa. Como diziam os jovens de Maio 1968 temos que expulsar, matar o *flic* – policial – que dorme dentro de nós. Tornam-se ainda mais donos de si mesmos e aproveitam da autonomia para lançar-se em novas experiências. De novo, o corpo se torna o centro do cuidado e do prazer. O fator competição aumenta ainda mais a ansiedade de não perder as ocasiões de triunfar, de gozar.

Segue-se a Geração Y, também chamada do milênio, nascida no final dos anos 70 ou inícios dos anos 80 até a virada do milênio. Sinaliza-se pela dimensão global e pela imersão de modo profundo no universo da mídia, da comunicação, das tecnologias digitais. Sob a perspectiva do corpo, ela reforça ainda mais o narcisismo, a dimensão *sexy*. Tais traços valem, de modo especial, das camadas sociais privilegiadas, inseridas de pleno na economia neoliberal. Desenvolvem a consciência de conquistar o mundo, com a perda do limite.

O corpo torna-se fonte de singularidade. Daí os cultivos exóticos, originais, tatuados, como verdadeira carteira de identidade. Detestam ser “normais”. Buscam chamar a atenção sobre si pela visibilidade corporal, mostrando clara rejeição das convenções sociais. A singularidade do corpo manifesta-se, ora individual, ora como participante de determinada tribo. Esta faz questão de marcar a presença pela maneira de vestir, de comportar-se, de trabalhar o corpo. Apesar da enorme diversidade de expressão corporal, a geração se entende e percebe comunhão profunda no mesmo anseio de mostrar a própria originalidade e de aceitar, conviver e agradecer-se da singularidade dos outros jovens.

A Geração Z, que agora desponta, o corpo ocupa o tempo inteiro, conectado em *facebooks*, *twitters*, celulares de multiuso, DVD em alta definição, *videogames*, *Ipods*, *Ipads*, fones de ouvido sempre ligados a algum som. Corpo sem silêncio, envolvido pelo ruído sem pausa. Vive no mundo virtual, tecnológico. De maneira paradoxal, nunca se ocupa tanto o corpo com

⁷ Há interessante DVD sobre essas gerações. YouTube We all want to be young in www.youtube.com/watch?v=52e7i-2D6HU do qual tiramos várias considerações.

aparelhos quanto se abstrai dele. Enquanto se habita o espaço virtual, envolvido pelas máquinas, o corpo quase desaparece. D. Le Breton analisa a tendência, iniciada por N. Wiener em *Cybernetics*⁸, de “embaralhar as fronteiras do autômato e do vivo” e que “dissolve a especificidade do homem sob o ângulo do mecanismo”, e que “proporciona à máquina um sistema de organização que a aparenta ao vivo”. Nessa linha, cita o pensador Turing⁹, para quem “o corpo é supérfluo e estorvante”¹⁰.

Mas, doutro lado, na medida em que ele se vê sequestrado pelo mundo da tecnologia eletrônica e por meio de *webcam* ligada a internet mandam-se imagens do próprio corpo em atitudes raras e até mesmo pornográficas e provocantes. O corpo ultrapassa o espaço físico e é lançado na internet com consequências imprevisíveis. Não faltaram casos de suicídio de adolescentes e de assassinatos por publicação de fotos sexualmente comprometedoras em *facebook*s. Fala-se também de sexo e relacionamentos afetivos puramente virtuais.

Confronto com a fé cristã

Quem assume crítica e pessoalmente a fé cristã em face das tendências no mundo jovem em relação ao corpo distingue aspectos positivos e riscos. Sem dúvida, as tendências no mundo jovem apontam para autêntica libertação de visão maniqueia e repressiva sobre o corpo, alimentada durante séculos por razões bem diversas.

No mundo cristão, de várias fontes lhe veio certa tradição de desprezo, de minuscultação do corpo. O termo bíblico carne – *basar* – não tem o nosso sentido de corpo, mas do homem inteiro na sua condição de ser corporal, frágil, submetido à lei e à condição mortal, marcando assim a realidade espiritual pessoal¹¹. Paulo assinala o forte contraste entre “segundo a carne” e “segundo o Espírito”, colocando sob o signo da carne o lado pecaminoso, frágil. “São bem conhecidas as obras da carne: imoralidade sexual, impureza, devassidão, idolatria, feitiçaria, inimizades, contenda, ciúmes, iras, intrigas, discórdias, facções, invejas, bebedeiras, orgias e outras coisas seme-

⁸ WIENER, N. *Cybernétique et société*. Paris: UGE, 1971, p. 10-18.

⁹ TURING, A. *Les ordinateurs et l'intelligence*. In: ANDERSON, A. R. (Org.). *Pensée et machine*. Seyssel: Champ Vallon, 1983.

¹⁰ LE BRETON, D. *Adeus ao corpo: antropologia e sociedade*. São Paulo: Papyrus, 2003, p. 181-2.184.

¹¹ RAHNER, K.; VORGRIMLER, H. *Kleines Theologisches Wörterbuch*. Freiburg/Basel/Wien: Herder, 1967, p. 6. Aufl., [Herder Taschenbuch 108/109], p. 321.

lhantes. Eu vos previno, como aliás já o fiz: os que praticam essas coisas não herdarão o reino de Deus (Gl 5, 19-21). E ao lado, estão os frutos do Espírito: “amor, alegria, paz, paciência, amabilidade, bondade, lealdade, mansidão, domínio próprio. Contra estas coisas não existe lei” (Gl 5, 22-23). E frequentemente se identificou a carne com o corpo. Na verdade, porém, não se trata em São Paulo do corpo e sim do ser humano na condição de fraqueza, de pecado.

No entanto, pela influência da Escritura, o termo carne, o aspecto corporal do ser humano assumiu conotação negativa de estorvo para a ação do Espírito. Surgem então comportamentos ascéticos para domá-lo e submetê-lo às leis do Espírito. E acrescenta-se o forte acento grego de desprezo da matéria e temos então construída a tradição que desvaloriza o corpo e tudo o que se relaciona com ele. E a parte sexual leva ao extremo a corporeidade, daí ela sofrer a maior rejeição e repressão.

A tal tradição cultural se juntaram espiritualidades de modo especialmente ligadas à Vida consagrada em que se praticou, em grande escala, o rigor penitencial sobre o corpo. A hagiografia está repleta de exemplos extremos de punição e castigo do corpo¹².

A teologia moderna da criação tem modificado tal perspectiva na linha da valorização do corpo e assim vem melhor ao encontro da tendência da atual juventude. No campo da moral e da teologia do sacramento do matrimônio, com a respectiva espiritualidade conjugal, foca-se a positividade do corpo, da sexualidade. Sem real hermenêutica do significado da sexualidade, do prazer, do corpo não conseguimos aproximar-nos dos jovens de hoje.

A fé, porém, sem retomar tradições superadas e marcadas pelos limites hermenêuticos de determinados contextos culturais, guarda olhar crítico em relação à coisificação do prazer sexual, das relações que envolvem o corpo. Ele não existe por ele mesmo. Mas expressa a totalidade da pessoa humana. Sem antropologia teológica que ilumine a realidade humana na sua abrangência, a tendência atual termina em terrível hedonismo, materialismo. Afoga a dimensão transcendente do ser humano que não se restringe unicamente ao lado espiritual, mas envolve todo o ser humano. Também na sua corporeidade ele se orienta para Deus.

A fé cristã tem clareza sobre o significado do corpo, tanto enquanto ele pode ser empecilho para a realização da finalidade última do ser humano, quanto

¹² Na época do noviciado, circulava entre os noviços a vida de dois jesuítas extremamente penitentes: Pe. Doyle [O’RAHILLY, A. *Father William Doyle, S.J.* London: Longmans, Green, 1922] e Pe. Ginhac [CALVET, A. *Le Père Paul Ginhac: de la Compagnie de Jésus.* 5.ed. Tournai: Casterman, 1916]. Embora o Pe. Mestre, homem moderado, tivesse restrições a tais exemplos exagerados de penitência, no entanto figuravam entre os modelos para noviços.

ele se revela sacramento de entrega a Deus. Santo Inácio de Loyola formulou de maneira simples e lapidar no Princípio e Fundamento a regra áurea. “O homem é criado para louvar, reverenciar e servir a Deus Nosso Senhor e mediante isto salvar a sua alma”. Esse homem é corpo. Vale, portanto, do corpo a afirmação de que ele existe para o louvor e serviço de Deus. Enquanto o ser humano, como liberdade e decisão, considera o corpo como outro de si, vale a outra afirmação de Santo Inácio. “Daí se segue que o homem há de usar [tratar] delas [as outras coisas na face da terra e, portanto, o corpo] tanto quanto o ajudam para o seu fim, e há de desembaraçar-se delas tanto quanto o impedem para o mesmo fim”¹³.

A relação com o corpo na visão cristã se entende na perspectiva de ele ser sinal e sacramento da caminhada do ser humano inteiro na perspectiva salvífica. Mais. O núcleo da fé cristã se resume na unidade dos dois amores a Deus e aos irmãos. Portanto, louvar, reverenciar, servir a Deus, salvar a alma em termos concretos significam encontrar a Deus no serviço aos irmãos. A perspectiva ética pertence ao cerne do cristianismo. O corpo não existe, primeiro para si, para autocontemplação, autossatisfação, sobretudo de forma narcisista, mas como mediação, possibilidade de doação de si a Deus na forma de amor fraterno.

O máximo da valorização do corpo consiste no martírio, no serviço aos desprezados deste mundo. A geração da década de 60, não necessária e explicitamente na perspectiva cristã, entendeu o corpo como dedicação a causas sociais, à libertação das classes oprimidas. Esse valor não pode ser perdido e serve de interpelação para a geração atual, cuja tendência se afasta do social para a autocentração narcisista e para a exibição, sobretudo na forma de espetáculo.

A fé cristã reconhece na Encarnação do Verbo a sublime valorização do corpo. Na epístola aos hebreus, o autor põe na boca de Cristo, ao entrar no mundo: “Não quiseste vítima nem oferenda, mas formaste um corpo para mim. Não foram do teu agrado holocaustos nem sacrifícios pelo pecado. Então eu disse: Eis que eu vim, ó Deus, para fazer a tua vontade, como no livro está escrito a meu respeito” (Hb 10, 5,-7). O corpo de Cristo substituiu todos os outros sacrifícios, tal a sua dignidade e grandeza.

Santo Atanásio reafirma a dignificação do corpo humano por obra da Encarnação. “Pois da íntima e estreita união com o Verbo, resultou para o corpo humano um engrandecimento sem par; de mortal tornou-se imortal; sendo animal, tornou-se espiritual; terreno transpôs as portas do céu”¹⁴.

¹³ DE LOYOLA, Santo, I. *Exercícios espirituais*. Porto Alegre: [s.n.], 1966, n. 23, p. 32.

¹⁴ SANTO ATANÁSIO. *Epist. ad Epictetum* 5-9; PG 26, 1062ss, tirado de Liturgia das Horas segundo o Rito Romano, v. I. Tempo do Advento e do Natal. Vozes, Paulinas, Paulus, Ave Maria, 1999, p. 436.

A leitura cursiva dos evangelhos impressiona-nos, ao constatar a importância que Jesus atribuiu ao corpo humano. A série de milagres visava a refazer a saúde dos corpos ou a devolver a vida a fim de voltarem ao convívio humano: cegos, paráliticos, leprosos e mortos. Mesmo em relação ao próprio corpo, defendeu aquelas que o ungiaram com perfumes contra os maus juízos de alguns (Mc 14, 4) e de Judas (Jo 12, 4s). O corpo merece tal cuidado.

Mais: a maneira que Jesus escolheu para que nos lembrássemos dele se relaciona diretamente com o corpo na forma eucarística. A narração da Instituição cita explicitamente o corpo e o sangue como sinais da presença real da pessoa de Jesus na comunidade.

Em face dessas reflexões teológicas, o cristão não tem nenhuma razão para desprezar o corpo. Antes, vê nele a comunhão com o corpo de Cristo, destinado à glorificação. Nisso a tendência da juventude aproxima-se da compreensão cristã do corpo.

Só tem sentido restrição ao corpo à medida que ele se afasta do projeto criador e santificador de Deus e se torna objeto de valor absoluto e por ele mesmo. Perde-se assim a perspectiva de totalidade do ser humano no desígnio maior do Criador.

A glorificação narcisista e hedonista do corpo, como puro objeto de prazer e exibição espetacularizada, não bate com a compreensão jesuana de corpo. Perde o caráter sacramental de sinal de realidade maior: participação do mundo divino até a glorificação final.

A tendência a respeito do aspecto psíquico

A tendência anterior do cuidado do corpo tem repercussão psíquica. Insere-se na superação dos complexos de inferioridade em relação ao corpo. Apenas nos damos conta de quanto sofrem os adolescentes e os jovens com defeitos ou limites do próprio corpo. E lutam por minimizá-los com recursos de cirurgias, tratamentos médicos, academias, etc., como vimos acima. Tais procedimentos servem também para diminuir a percepção da distância entre os grupos sociais. Cresce a tendência à democratização entre os jovens.

A geração Y com a consciência mundial e a Z por meio dos recursos midiáticos vivenciam situação paradoxal. De um lado, expandem-se o desejo e a realidade de maior igualdade, proximidade, semelhança entre os jovens de todo o mundo. As distâncias geográficas, culturais e sociais se encurtam. Vestem-se de modo semelhante, falam de problemas comuns, comportam-se com gestos e ademanos parecidos. No entanto, cultivam a singularidade e individualidade em traços exóticos na aparência exterior. A exibição das originalidades não afirma tanto, na verdade, tal dimensão, mas

reflete o dado comum de os jovens quererem mostrar que são mundo à parte, diferentes das outras gerações. Nisso todos comungam.

Eles vivem dentro de si, de maneira bem mais forte, a tensão entre o presente e o futuro, entre experimentar as novidades dadas e projetar as futuras, entre explorar o mundo que se lhes abre diante dos olhos e sonhar com mundo diferente, novo.

A tendência da juventude da década de 60, metida no campo social, privilegiava os sonhos à realidade imediata, o futuro ao presente. Por razões ideológicas, rejeitavam o sistema dominante. No caso do Brasil, discutiam-se as propostas conservadoras capitalistas e as utopias socialistas. E depois do golpe militar de 1964 tal tensão aumentou ainda mais. Camada pequena, mas significativa e ferrenha, entregou-se de corpo e alma às causas libertárias. Muitos pagaram a coragem e ousadia com a própria vida¹⁵.

A tendência atual orienta-se noutra direção. Pesa sobre os jovens descomunal desilusão a respeito dos políticos e, prolongando, da própria política. Muitos colegas morreram na luta política. Agora veem triunfar o sistema neoliberal com livre desenvoltura. Então, em vez de planejar futuros utópicos para a sociedade, no máximo pensam no próprio. Mesmo nesse nível, cai o interesse. Preferem viver intensamente o presente, explorar-lhe as possibilidades de prazer, de gozo, de novidade até o extremo da droga e de gangues perigosas. Adrenalina soa a palavra mágica para empreender aventuras perigosas, emocionantes, exaltantes quer na forma de esporte radical quer de crime.

Reina decepcionado ceticismo até beirar o cinismo em relação ao futuro. Não acreditam na geração adulta presente, nem imaginam preparar-se para mudar a realidade. Percebem a carga gigantesca das estruturas econômicas e políticas que não se movem facilmente e sentem-se impotentes diante delas.

Sofrem de outro paradoxo. De um lado, proclamam leveza em relação a si mesmos. Aboliram os censores. Como citamos acima, mataram o “policial” moralizante dentro deles. Rejeitam a imposição da cultura dos adultos. “É proibido, proibir”. Tudo é possível. Não põem limite aos desejos. Frequentemente não medem as consequências. Cresce o número de adolescentes grávidas. Multiplicam-se as festinhas ousadas.

¹⁵ Para tomar consciência desse momento, estão obras-testemunho como: GABEIRA, F. *O que é isso, companheiro?*. 9. ed. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. SIRKIS, A. *Os carbonários: memórias da guerrilha perdida*. 12. ed. São Paulo: Global, [1980]. BETTO, Frei. *Batismo de sangue: os dominicanos e a morte de Carlos Marighella*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982. BETTO, Frei. *Cartas da prisão*, 1969-1973. Rio de Janeiro: Agir, 2008; BRITO, F. de et al. *O canto na fogueira*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1978.

A mídia estampa por todas as partes fotografias de rapazes e moças bonitos, sorridentes, felizes com coca-cola na mão ou vestindo algum tipo de roupa. A propaganda explora-lhes a leveza de vida e confirma-os na ideologia da felicidade imediata, presente. Ela não permite tristeza, fracasso, sofrimento. Incide o acento americano de não suportar nenhum traço de insucesso. Tudo azul! Beleza! Repete-se por todas as partes.

Doutro lado, esbarram lá dentro de si com a tristeza, com o fracasso, com o desprezo, com a incapacidade de viver tal ideologia. Muitos não têm suportado tal contraste e se suicidam¹⁶. A mídia tem sido fonte provocadora do aumento de suicídios¹⁷. Pulsões graves tanto sádicas como masoquistas que, temperadas pela cultura, pela família e pelo cuidado, não conduziram ao assassinato ou ao suicídio, explodem, porém, de repente, quando algum fator externo as açulam. Aí interfere o caráter compulsivo das imagens, dos *sites*, dos *chats* ou de outros fatores virtuais. Eles lançam a última gota da tragédia.

Pertence à estrutura psíquica da idade adolescente o recurso da fuga. A tendência atual tem deslocado o tipo de fuga assumido. Se tempos tranquilos e menos provocativos permitiam sonhos diurnos, desejos românticos, ilusões afetivas e até mesmo sono, o atual processo tem modificado tais escapatórias psíquicas. Aventuras violentas e de alto risco, pertença a tribos alienadoras, o uso indiscriminado da droga, experiências sexuais sem limite têm pilotado navegações oníricas perigosas.

Modifica-se também a presença da magia na vida jovem de hoje. À primeira vista, esse termo soa bizarro e antiquado, perdido nos tempos antigos do paganismo. Mas não. A estrutura mágica atravessa resistente as experiên-

¹⁶ Chocou-nos a notícia de que a adolescente Amanda Todd, de 15 anos, se enforcou em casa, em Vancouver, no Canadá, depois de anos de sofrimento, causado por um anônimo que lhe explorou uma cena em que ela mostrou os seios. <http://expresso.sapo.pt/canada-chocado-com-suicidio-de-adolescente-perseguida-na-internet=f761048>. Tem-se discutido a questão do aumento da taxa de suicídio entre adolescentes. Alguns autores julgam que a divulgação de histórias sobre suicídio na mídia, nas novelas e em documentários além da existência de informações, grupos de discussões e *sites* na internet sobre suicídio não só revela que a taxa está a crescer, mas também provoca novos. Além do aspecto a que aludi acima de que os jovens vivem a tensão da obrigação de ser feliz e a incapacidade de consegui-lo, incitam-nos ao suicídio, a depressão, os abusos sexuais, as drogas, a separação dos pais e os problemas decorrentes de atração por pessoa do mesmo sexo, o temor do futuro sem perspectiva, como observa o artigo citado abaixo. Ver: Wagner: Adolescentes e o suicídio. In: <http://meuartigo.brasescola.com/doencas-saude/adolescentes-suicidio.htm>.

¹⁷ Teve também repercussão na opinião pública o suicídio de Vinícius Gageiro Marques, garoto de 16 anos, em julho de 2006. Em tocante entrevista, o renomado psicanalista Mário Corso relata que o último impulso para o suicídio veio do fato de o adolescente abrir um *chat* sobre suicídio na internet e ser por ele estimulado a tal. Ver: Entrevista dada para a Revista Época de 13/08/2008 in www.revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,EMI10358-15295,00.html.

cias de todos os tempos, especialmente as religiosas. No fundo, ela significa que atribuímos a realidades externas, sem precisão da liberdade humana, efeitos sobre nós. A forma vulgar e cotidiana chama-se horóscopo. Pessoas leem-no diariamente e aceitam o destino imposto pelos astros à revelia das decisões.

A tendência atual tem modificado a orientação da magia. No mundo envolvido pelo religioso, atribuía-se a Deus, a Nossa Senhora, aos anjos e santos influências pontuais sobre a vida humana independentemente dos atos humanos. A magia tem sido assumida pelo marketing, pelo consumo de determinadas coisas. A academia, o esporte, certas substâncias químicas têm adquirido poder determinante para a prática de muitos jovens. Nem se dão conta de que atribuem a tais ações poder mágico, acima das conjunturas humanas concretas. Demitem-se da liberdade e responsabilidade, cuja falta traz consequências desastrosas para o agir.

A experiência de perda lentamente introduz-se na vida do adolescente e jovem à medida que se afasta da infância. Aqui também acontecem mudanças na geração atual. A cultura atual dita as realidades importantes cuja perda afeta cada vez mais a afetividade dos jovens. As perdas respeito ao corpo, à realização profissional, à aparência social, aos êxitos afetivos, às performances sexuais doem-lhes agudamente. E as reações variam desde reações positivas de superação até a capitulação total pelo suicídio, como vimos acima.

Confronto com a fé cristã

Em face de tais tendências, que a fé cristã tem a dizer? Como ela se vê questionada? Como vivê-la no interior delas?

A aceitação do próprio corpo e de seus limites tornou-se problema grave. Na perspectiva da fé cristã, todo corpo merece a mesma dignidade. E a forma terrestre não significa a última expressão. No horizonte da teologia da ressurreição tudo se transforma. O próprio corpo de Jesus ficou profundamente deformado pelas torturas da flagelação, coroação de espinhos e outros maus tratos no caminho da cruz. Crucificado completamente nu para sua vergonha diante da sanha dos inimigos que zombavam dele e o desprezavam, o Pai lhe devolve a vida de maneira gloriosa pela ressurreição. Todo corpo humano será glorificado ao atravessar o túnel escuro da morte, se na terra foi sacramento do amor. A beleza física não traz nenhuma garantia de esplendor definitivo.

O mistério da ressurreição recoloca a grandeza do corpo humano no verdadeiro significado. Na hagiografia dos mártires, lemos, em muitos casos, a liberdade e presteza com que caminhavam para a morte com o corpo des-

feito pelas torturas ou prestes a ser devorado pelas feras na certeza da ressurreição.

O exemplo de Santo Inácio de Antioquia tornou-se paradigmático. Temia que os cristãos romanos conseguissem do Imperador livrá-lo do martírio. E escreve-lhes de maneira contundente e interpelativa. “Preso em Cristo Jesus, espero abraçar-vos, se for da vontade d’Ele, que eu mereça chegar ao termo. Deu certo o começo. Oxalá consiga a graça de receber sem impedimento minha herança. É que temo não venha prejudicar-me vossa caridade. Pois a vós é fácil realizar o que pretendes, enquanto é difícil para eu encontrar-me com Deus, caso vós não me poupeis”¹⁸. E, em seguida, revela o desejo de ser triturado pelas feras como trigo para tornar-se pão puro de Cristo: “Deixai-me ser comida para as feras, pelas quais me é possível encontrar Deus. Sou trigo de Deus e sou moído pelos dentes das feras, para encontrar-me como pão puro de Cristo. Acariciai antes as feras, para que se tornem meu túmulo e não deixem sobrar nada de meu corpo, para que na minha morte não me torne peso para ninguém. Então de fato serei discípulo de Jesus Cristo, quando o mundo nem mais vir meu corpo”¹⁹.

Tal compreensão teológica adquire maior contundência no momento em que se pensa a ressurreição acontecer na hora da morte e não ser protelada para o longínquo e obscuro último dia. Vários teólogos recentes têm insistido na ressurreição na morte de maneira que a fé traz resposta para as pessoas atingidas pelo complexo de inferioridade e pelo sofrimento de carregar limites corporais²⁰. E, doutro lado, não abona, sem mais, as beldades físicas. Só tem sentido para a fé cristã o corpo sadio, belo, bem cultivado, se ele se faz sacramento, manifestação visível de atitudes espirituais de presença amorosa aos outros. O corpo, como tal, só vale no contexto do existir humano que implica liberdade, consciência, entrega de si. Impede as atitudes espirituais superiores, ao ser usado como objeto de prazer e de sedução. Destarte não tem significado salvífico, antes transforma-se em fonte de perdição para si e para outros.

A tendência dos jovens de ampliar a consciência para dimensões globais favorece o sentimento de comunhão e proximidade entre eles e responde à aspiração fundamental da fé cristã. Pelo fato de termos sido criados pelo Deus Comunhão Trinitária, existimos para a comunhão entre nós, baseada

¹⁸ INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Epístola aos Romanos*, II, 1.

¹⁹ *Ibid.* v. 4.

²⁰ . BOFF, L. *A vida para além da morte*. Petrópolis: Vozes, 1973; GRESHAKE, G.; KREMER, J. *Resurrectio mortuorum*. Zum theologischen Verständnis der leiblichen Auferstehung. Darmstadt, Wissenschaftl. Buchgesellschaft, 1986, p. 255-276; GRESHAKE, G.; LOHFINK, G. *Naherwartung, Auferstehung, Unsterblichkeit: Untersuchungen zur christlichen Eschatologie*. 3. ed. Freiburg: Herder, 1978, p. 148-151; LIBANIO, J. B.; BINGEMER, M. C. L. *Escatologia cristã: o novo céu e a nova terra*. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 208-213.

na igualdade. Mais: o mistério da Encarnação revelou o valor infinito de todo ser humano. O jovem, ao aspirar a tal igualdade e universalidade, atualiza o existencial sobrenatural, “evento da autocomunicação sobrenatural de Deus” a todos os seres humanos²¹.

A teologia da criação tem a riqueza de trabalhar a dialética da profunda igualdade humana ao lado do chamado original e único de cada um de nós. Com as duas luzes – igualdade e singularidade – interpretamos positivamente a tendência forte da geração atual. Cabe, porém, introduzir o corretivo de que as identidades singulares existem para o enriquecimento do coletivo, dos outros e não para alguma parada narcisista.

A fé cristã opõe-se radicalmente ao narcisismo, ao egoísmo, pelo fato de entender o ser humano na realidade última de relação com Deus e com os irmãos. Tudo o que ele é e tem adquire consistência, grandeza no momento em que reverte para o bem dos outros. E, por sua vez, a abertura ao outro lhe traz a maior fonte de felicidade. Ele só se faz feliz amando e sendo amado. O ensinamento cristão reinterpreta, corrige, aperfeiçoa, sublima as duas tendências da juventude de hoje de singularidade e universalidade, de originalidade pessoal e comunhão com os outros.

A tendência atual de os jovens viverem o momento presente com pouca ou nenhuma preocupação com o futuro exige reflexão escatológica para interpretá-la no nível da fé. A escatologia cristã assinala com profundidade a dupla dimensão de presente (já) e de futuro (ainda não). Traz iluminadora resposta a tal tensão. Só se vivem as realidades definitivas no presente. Nisso a juventude assente com teimosia. Abandonar o presente por motivações de eternidade soa, sobretudo depois de Feuerbach e Marx, como ópio, alienação.

A ascese cristã conheceu o simples adágio: *age quod agis* – faça o que estás a fazer. Propunha-se na vida religiosa o exemplo de São Luis Gonzaga. Certa vez estava a jogar *boccia* e perguntaram-lhe que faria se lhe avisassem que iria morrer naquele momento. Respondeu: continuaria jogando. Tinha consciência de que o fazia por obediência e de que aquela ação presente era o melhor que podia fazer.

Várias passagens da sabedoria evangélica confirmam tal ótica presentista. No sermão da montanha, Jesus explicitamente alerta os discípulos contra a preocupação sobre o futuro. Pede-lhes a despreocupação dos lírios do cam-

²¹ Categoria que K. Rahner trabalha em vários escritos. Expressa que a estrutura do existir humano histórico e concreto por força do ato criativo de Deus e pelo chamado que ele faz a todo ser humano à comunhão com ele tem abertura não só à Transcendência, mas também à própria vida íntima de Deus. RAHNER K. *Curso fundamental da fé: introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 157ss.

po, que não tecem, mas vestem-se regamente; dos pássaros que não semeiam, mas o Pai celeste os alimenta. Termina dizendo aos discípulos que os pagãos se preocupam com o futuro, mas eles não precisam fazê-lo porque “Vosso Pai que está nos céus sabe que precisais de tudo isso”. Interessa buscar o “Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão dadas por acréscimo. Portanto, não vos preocupeis com o dia de amanhã, pois o dia de amanhã terá sua própria preocupação! A cada dia basta o seu mal” (Mt 6, 25-34). No fundo, basta viver cada dia. À primeira vista, soa presentismo sem atenção ao futuro.

É parte de verdade. Mas ao introduzir no discurso a ideia do Reino de Deus e sua justiça, Jesus rompe com o simples presente. Aponta para horizonte inalcançável, para o qual, porém, devemos tender e antecipá-lo com a transformação da realidade presente. Nessa perspectiva escatológica de futuro entendem-se os milagres que Jesus fez como sinais da sociedade que deseja: que os cegos vejam, os leprosos participem do convívio social, os paráliticos caminhem, os mortos ressuscitem. Todos eles símbolos expressivos de utopias a serem buscadas até que o Reino de Deus se realize na plenitude da vida eterna. Até lá, não basta o presente já dado, mas cabe tornar presentes sucessivamente as novidades do Reino pela prática da justiça.

Essa dimensão do “ainda não” da escatologia, que na história se chama utopia, corrige o presentismo da tendência atual. Tudo se realiza parcialmente no presente, que tem consistência e valor, em oposição ao sobrenaturalismo ou escapismo alienante. No entanto, tudo não se realiza totalmente no presente, mas caminha-se em direção à escatologia final, ao “ainda não”. Vale da dialética escatológica a pedagogia da balança. Quando se afirma exclusivamente o término, o final, com risco de alienação do presente, cabe acentuá-lo. Mas, quando as pessoas se restringem ao presente, vem então a necessidade de afirmar a dimensão de futuro. Hoje o futuro está em déficit na tendência dos jovens. A fé cristã tem condições de mostrar-lhes a importância e a maneira de engajar-se em compromissos de construção da justiça, de que pregava e anunciava Jesus com sinais antecipativos.

A fé cristã lança luz sobre a tensão entre leveza e peso da existência no mundo jovem. Cansados da pressão que a modernidade exerceu e ainda exerce, cresce a tendência de escapar desse peso. A fé cristã relativiza a ideologia moderna. Mais: aponta-lhe o germe perverso de transformar o ser humano em conquistador sem limite. Os jovens, ao criticar tal pretensão moderna, sintonizam com a fé cristã. Para ela, o valor supremo se encontra no amor aos irmãos e não na conquista nem na transformação prometeica da realidade. A mudança da realidade tem sentido na linha da justiça de propiciar situações aos excluídos e não na jactância de o sujeito afirmar-se como absoluto.

A fé ressignifica inclusive o fracasso, tão rejeitado pela tendência atual. A dialética da cruz e ressurreição, da derrota e da vitória faz parte essencial

da fé cristã. A vida de Jesus demonstrou-a em grau máximo. Ele viveu os dois extremos do rotundo fracasso com a prisão, tortura e morte na cruz e da gloriosa ressurreição por obra de Deus Pai.

Jesus mesmo experimentou a dor da proximidade da morte violenta e pediu ao Pai que lhe afastasse o cálice. Mas, em seguida, acrescentou que se fizesse, não a sua vontade, mas a dele. Aí está a luz da fé cristã a dizer-nos que temos direito de afastar de nós todo fracasso, toda frustração. Ponto que os jovens hoje nos revelam de modo expressivo. No entanto, se ele vier, contra vontade e expectativa, aí vale a atitude de Jesus de que se faça a vontade de Deus manifestada nos acontecimentos. Então nos cabe dar sentido ao fracasso, ao ver nele a presença amorosa de Deus a nos fortalecer, a assistir-nos e a consolar-nos. Os anjos, que vieram consolar a Jesus, simbolizaram a tranquilidade e paz oferecida por Deus (Lc 22,43).

O atual império da magia comandado pelo marketing, consumismo e hedonismo pretende oferecer as coisas como se unicamente fossem luzes e flores. Acreditamos em ritos, em ginásticas, em Yoga, em receitas, em regimes, como se tudo isso operasse de maneira maquinal e inevitável.

A postura fundamental e crítica de Jesus em relação a tal comportamento, estigmatizado nos evangelhos sob o nome de farisaísmo, visava precisamente a desmontar a ideia de que bastava cumprir materialmente os ritos que a justificação vinha automaticamente. Jesus batalhou contra tal procedimento, apelando à liberdade e à prática do amor, da justiça.

Contra a ideologia dominante da magia das coisas, a fé cristã oferece excelente base para a consciência crítica. Nada acontece no interior das pessoas no sentido de adesão ao Bem, à Verdade, a Deus sem passar pela liberdade e consciência. A magia significa demissão da própria liberdade e confiar em forças estranhas. Diferencia radicalmente da confiança em Deus que não nega a natureza, mas a supõe e aperfeiçoa.

A tendência a respeito do aspecto intelectual

No campo intelectual, as tendências caminham na direção de outro tipo de conhecimento, de aprendizado, de exercício mental que gerações anteriores. Substitui-se cada vez mais o pensar sistemático pelo fragmentado e pontual. A inteligência, enquanto compreensão do real, cede lugar ao projeto funcional, técnico de modificar a realidade. Não se interessa tanto por tornar a realidade inteligível nas estruturas, nos jogos ideológicos, nos interesses e nas forças em questão, mas como manipulá-la por meio de recursos tecnológicos.

Encara-se a tecnologia como algo neutro, avaliada pelo critério da razão instrumental. Ch. Taylor a entende como a “racionalidade que utilizamos

quando avaliamos os meios mais simples para chegar a um fim dado. A eficácia máxima, a maior produtividade medem-lhe o sucesso". No fundo, ela visa a produzir de maneira eficiente, competente e com baixos custos e altos benefícios²².

A inteligência da geração presente encaminha-se cada vez mais na direção instrumental, abandonando a atitude antes gratuita de desvendar o real, de contemplar a verdade, de entender o que está a acontecer. Renuncia-se a esse passo para ir diretamente à obtenção dos objetivos propostos. O jovem sabe que, ao entrar na vida profissional, não lhe exigirão reflexões profundas, teóricas da realidade, mas que tenha clareza dos objetivos a alcançar de maneira econômica, eficaz e competente no meio à terrível concorrência. Vive-se no reinado do MBA²³.

A tendência tecnológica dominante no mundo jovem revela a ambiguidade de atitude em face da racionalidade. De um lado, reforça a racionalidade moderna ao extremo, exigindo dela que avance cada vez mais no domínio do mundo. Duas tecnologias têm atraído especialmente: a informática e a biotecnologia. Parece que o futuro da razão instrumental se joga nelas.

Existe certo descaso com a racionalidade, especialmente no sentido de ela vasculhar o significado, o alcance e a dimensão ética das pesquisas tecnológicas.

A formação intelectual tende a descuidar-se cada vez mais da ética, para deter-se nos conhecimentos instrumentais como tais. Como as pretensões tecnológicas se põem objetivos quase infinitos no sentido da comunicação, da viagem espacial e da produção da vida, a geração jovem se entende envolvida em tal máquina produtiva. E o mundo dos valores, a ética se esvaem. Soa linguagem arcaica de tempos idos.

Opor-se à tecnologia revela mente atrasada e retrógrada. E a tendência do jovem vai na direção oposta de endeusá-la a fim de sentir-se enturmado no mundo da modernidade avançada. Não se pergunta pelo significado de tal movimento irreversível e acelerado na produção tecnológica.

²² TAYLOR, Ch. Taylor. *Le malaise de la modernité*. Paris: Cerf, 1994, p. 12.

²³ MBA significa Master in Business Administration, ou, em Português, Mestre em Administração de Negócios. Tal curso visa a preparar o executivo para aumentar-lhe a capacidade profissional e garantir-lhe melhor desempenho na empresa. Conforme for mais renomada a Instituição que oferece tal curso, mais gabaritado se torna o executivo. Daí a terrível concorrência para cursar nas melhores universidades, que, em geral, se encontram nos EUA. Tal visão de vida corresponde altamente à ideologia americana pragmática, eficiente, competente e altamente produtiva. O mais importante nesse universo de conhecimento consiste em mostrar que o aprendido nos cursos se concretiza em resultados palpáveis para a empresa em que se trabalha. Esse é o critério maior de avaliação: eficácia produtiva com vitórias nas concorrências.

Tal tendência revela o esgotamento da racionalidade objetiva e subjetiva. Objetiva, no sentido de penetração do real, de dificuldade do pensar abstrato, dedutivo, reflexivo em face do fascínio e onipotência do pensar pragmático. Sob o aspecto subjetivo, acontece o esquecimento de si mesmo, como fonte de valor, de autoconsciência pessoal, de relação pessoal com os outros e com o Transcendente, de utopia. Gera concepção pobre de si mesmo, mais produtor de objetos do que criador de relações humanas.

Em termos filosóficos, há tendência na juventude para o niilismo no sentido de rejeitar qualquer fundamento e verdade objetiva que abone a validade metafísica e axiológica do conhecimento. Há desinteresse da parte dos jovens para tal universo de pensar. Contentam-se com a segurança oferecida pelas ciências. O sentido do agir e da vida, os valores éticos, a razão última do existir, a sua finalidade, o mundo subjetivo das intenções são remetidos ao espaço dos mitos.

O niilismo em movimento tem certo sabor nietzschiano, ao negar os ideais transcendentais para afirmar unicamente a vida presente²⁴. Sair do horizonte do aqui e agora soa alienação. Trata-se de um niilismo paradoxal. Enquanto niilismo nega o que nos afasta do real presente vivido e, no caso da geração atual, dominado tecnologicamente. Nega, portando, toda realidade, verdade que pretende ultrapassar o mundo empírico e constatável das ciências. Mas tem face de afirmação contundente, positiva de tudo o que cai sob o controle do poder tecnológico humano.

Ao terminar o ano 2012, programas televisivos mostraram os gigantescos progressos na tecnologia da comunicação, no tipo de celular, *Ipods*, *Ipads* e similares. A geração jovem aguça a inteligência em face de tal mundo maravilhoso e surpreendente que promete novidades ainda maiores.

Confronto com a fé cristã

A fé cristã não se enquadra no espaço meramente funcional. Vai muito além. Passeia fundamentalmente no campo do sentido radical da existência humana. Baseia-se, em última análise, na experiência de Deus. E ele está na origem e na manutenção do existir de todas as coisas e no seu destino último. O agir divino ilumina e dá sentido às causas intermédias.

No confronto com a tendência atual dos jovens, a fé desperta-os para submeter ao juízo do sentido último dado por Deus criador e salvador o modo de pensar pontual, fragmentado, funcional. Corrige-lhes a compreensão

²⁴ FERRY, L. *Aprender a viver: filosofia para os novos tempos*. Rio: Objetiva, 2007, p. 178, 216s.

puramente pragmática e imediata para abri-los ao horizonte transcendente a partir do qual cabe avaliar o próprio pensar.

A fé insere as realidades, embora vistas na sua concretude presente, em projeto maior. Diminui a força da premência do momento. E dá sentido à vida como um todo e não a esfacela em atos isolados e sem nexos entre si. A fragmentação impede captar o significado maior da existência que a fé tem condições de oferecer.

O papel da razão instrumental cai sob a crítica dos fins, dos valores, que a fé cristã propõe. Ela aprecia cada realidade não só nela mesma, mas insere-a no quadro maior da revelação. Esta nos apresenta o projeto de Deus que permite então entender o alcance de nosso pensar.

Em face do crescente niilismo, a fé cristã assume papel fundamental. Reafirma o fundamento último da realidade. Desfaz a crítica de alienação em relação a Deus. Ele não substitui nossa liberdade. Antes a faz existir como alteridade diante de si. A visão tradicional de Deus, não raro mágica, transmitida sob diversas formas, impede que muitos jovens se situem corretamente em face do niilismo. Este, enquanto afirmação radical dos valores dessa vida, não se opõe ao Deus cristão, cujo próprio Filho assumiu a nossa realidade. Ele a valorizou ao extremo, inserindo-a na própria unidade de sua pessoa humanodivina.

No sentido, porém, em que o niilismo rejeita qualquer transcendência, ele nega o Deus cristão. No entanto, ele não percebe que, ao fazê-lo, mina o valor das realidades terrestres. A fé cristã, em vez de minimizá-las, dá-lhes maior realce, ao afirmar que nelas se manifesta a presença da Transcendência. Ao mostrar como se experimenta Deus nas mediações humanas, a fé cristã tem muito a dizer à nova geração. O problema consiste em evidenciar como em toda situação há possibilidade de descobrir a Deus.

A espiritualidade inaciana propõe como princípio fundamental “Buscar a Deus em todas as coisas”²⁵. O grande segredo da meditação para alcançar amor no final dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio consiste precisamente em levar o exercitante à prática de vivenciar a presença de Deus em todas as realidades²⁶.

Tal traço inaciano responde aos anseios da geração atual desde que proposto na perspectiva da experiência de Deus. Já antes do Concílio Vaticano II,

²⁵ STIERLI, J. *Buscar a Deus em todas as coisas: vida no convívio do mundo e oração inaciana*. São Paulo: Loyola, 1990; MEJIA SALDARRIGA, R. *Buscar y hallar a Dios en todas las cosas: según San Ignacio de Loyola*. Roma: Pontificia Universitas Gregoriana, 1979.

²⁶ VÁZQUEZ MORO, U. *A contemplação para alcançar amor*. São Paulo: Loyola, 2005.

desenvolveu-se a teologia das realidades terrestres²⁷. Significou naqueles idos hercúleo esforço para superar o corte entre natural e sobrenatural, quando se reservava Deus somente para as realidades sobrenaturais, da graça e deixava o mundo entregue unicamente à imanência. Os teólogos enfrentaram rígida tradição até proporem a integração da natureza e graça no concreto da existência. Nessa tarefa exceu Henri de Lubac com a folhuda obra sobre o sobrenatural, apesar das reservas que sofreu por parte de Instituições romanas²⁸. A nova visão encontrou consenso na Constituição Pastoral *Gaudium et spes*. Ela significa excelente proposta para a geração que se diz niilista, em grande parte, por ter recebido formação religiosa sem abertura para o mundo, para a natureza. Antes, a categoria mundo, natureza carregava conotação negativa que o Concílio corrigiu e matizou²⁹.

O descuido da ética pela geração atual, por concentrar-se na produtividade, recebe crítica e contribuição da fé cristã. Mais que suma de verdades, consignadas em catecismo, a fé cristã se define por ser ética. Jesus impressiona pelo paradoxo de ser pessoalmente religioso, observante das leis judaicas, de um lado e, de outro, livre para afirmar os valores éticos de respeito às pessoas, da igualdade fundamental de judeus e estrangeiros, de homens e mulheres, de acolhida aos marginalizados da vida social, como os leprosos ou como a pecadora pública e adúltera, mesmo em contraste com a interpretação dominante entre as autoridades religiosas de seu tempo. Atitudes extremamente éticas que valem para todos os tempos, raças, culturas e religiões. Nesse sentido, a fé cristã tem vigência relevante para a geração pós-moderna, para lembrar-lhe os valores básicos da existência e convivência humana.

A tendência a respeito do ser humano como espírito

A geração presente orienta-se na direção de aproximar cada vez mais a transcendência da imanência até identificar a ambas ou de magnificar a imanência a ponto de englobar em si a transcendência ou até mesmo anulá-

²⁷ THILS, G. *Théologie des réalités terrestres*: préludes. 2. ed. Paris: Desclée de Brouwer, 1946. v. 1. Id. *Théologie des réalités terrestres*: théologie de l'histoire. Paris: Desclée de Brouwer, 1949. v. 2.

²⁸ LUBAC, H. *Surnaturel: études historiques*. Paris: Aubier, 1946. E mais tarde K. Rahner retomou e aprofundou tal questão na série de artigos sobre natureza e graça. RAHNER, K. *O Homem e a Graça*. São Paulo: Paulinas, 1970, p. 67-99.

²⁹ A. Barreiro desenvolveu a tese doutoral sobre tal tema. Publicou breve excerpta in BARREIRO LUANA, A. *La Iglesia en el mundo: estudio teológico de la relación Iglesia – mundo en la constitución pastoral “Gaudium et Spes” del Concilio Ecueménico Vaticano II y en la literatura conciliar y postconciliar suscitada por ella (1962 – 1972)*. Rio de Janeiro: [s.n.], 1973.

la. No fundo, a imanência derrota a transcendência em oposição às gerações anteriores que faziam a transcendência sobrepor-se gloriosa e ditar as regras.

Em termos sociais, seguiram-se a morte da utopia e a imposição do presente de maneira absoluta³⁰. A esfera religiosa restringiu-se à tarefa de consolo e de satisfação presente, ao perder a força utópica. Não pede nenhum salto para Deus nem conversão de vida, nem compromisso definitivo. Estão aí dimensões que se reduzem à tendência imanentista e geram acanhamento da dimensão do Espírito.

Aqui volta por outro viés a problemática do suicídio no meio jovem. Ao afogarem em si a dimensão de espírito e ao não se orientarem para Deus, a verdadeira Transcendência, vivenciam terrível vazio da insuficiência das realidades terrestres em que depositaram todas as esperanças, sonhos e desejos. A frustração das experiências da droga, do sexo desvairado, de tribos fechadas explode porque o espírito não encontra o oxigênio necessário. Foi criado para muito mais. E as migalhas de transcendência que experimenta, embora de maneira canhestra em muitos momentos, continuam a pedir mais alimento.

Em contraste com as apresentações coloridas e falsificadas da felicidade na mídia e na propaganda comercial e de remédios ansiolíticos, os jovens se batem com a tragédia da existência. As buscas sôfregas de ocultá-la ou cobri-la não evitam, com certa frequência, desfechos desastrosos.

Mais uma vez esbarramos com o niilismo que afeta grandemente a dimensão de espírito do ser humano. Ele não permite que se ultrapassem a história e as realidades finitas. Castram-se os impulsos para além do presente imediato. O apagar da dimensão de espírito reduz o ser humano cada vez mais à dimensão animal. Explica-se como facilmente seu encurtamento tem provocado desvios humanos graves para a violência, droga e outros excessos.

O espírito se alimenta da contemplação, do mergulho profundo no próprio eu, da relação aberta e oblativa em relação ao outro, do compromisso com causas históricas e utópicas, do confronto com o Ser Transcendente. A tendência atual no mundo jovem está a bloquear as fontes de vida do espírito.

A contemplação não encontra espaço por falta de silêncio. Vive-se todo o tempo conectado com o ruído. O mergulho em si não acha ocasião, pois o bulício da vida não permite. Só esporadicamente o jovem se depara consigo mesmo. E então o vazio provoca-o até o desespero. Se tem alguma energia,

³⁰ MARCUSE, H. *O fim da utopia*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

investe-a em preencher a falta com tudo o que a propaganda e a tecnologia digital e eletrônica oferecem.

A saída de si para o outro e a para as causas maiores falham por força dos individualismo e narcisismo reinantes. Ambos afogam o espírito. Merece reflexão detida o individualismo como aprisionamento do espírito e aviltamento do ser humano. Em vez de ser sua promoção, como a propaganda alardeia, produz o contrário. J. Attali articula “as dinâmicas do mercado, as da tecnologia e do individualismo” que “se reforçam para criar, por ressonância, uma verdadeira revolução que acelerará a privatização das relações sociais, substituirá serviços por objetos e fará do ser humano um nômade urbano, cercado de objetos nômades, em busca de tribos novas, de oásis acolhedores e de sombras salvadoras”³¹.

O individualismo tem provocado profunda insensibilidade social diante da injustiça, a submissão ao domínio do dinheiro, a concorrência desvairada, a preocupação com o próprio sucesso. O outro permanece fora com os problemas que o afligem.

A ideologia do individualismo invade todos os campos. Na economia chama-se privatização, na política aparece nos interesses espúrios dos políticos consigo e com os seus, na cultura cresce a distância entre os que têm acesso às escolas particulares e os que frequentam a pública. Em todas elas reina a mesma ideologia individualista insolidária.

Une-se ao individualismo bloqueador do espírito o consumismo. Os bens adquiridos valem por eles mesmos, para o gozo e satisfação individual e capricho. Perdem toda dimensão social de abertura.

Confronto com a fé cristã

A fé cristã aproxima-se da tendência do embotamento do espírito, ao identificar transcendência e imanência e ao captar a relação entre as duas. A imanência possibilita a experiência da Transcendência na história e a Transcendência desvela o sentido último de toda imanência. Mais: desoculta a pretensão moderna da imanência de absolutizar o ser humano e tudo o que lhe diz respeito. Paradoxalmente ao denunciar tal absolutização, salva a própria imanência humana. À medida que o ser humano não percebe em si a dimensão transcendente de espírito, ele avilta a si mesmo. Sua absolutização traz a morte. Historicamente vivemos recentemente experiências terríveis de absolutização do ser humano sob a forma nazista e co-

³¹ ATTALI, J. Préface: Résonances. *Autrement*, n. 176, fév. 1998, p. 14.

munista. Em ambos os sistemas, reinou tremenda repressão sobre as pessoas. Muitas foram conduzidas a campos de concentração e ao extermínio, sem falar de torturas e outras crueldades. Se se tivesse mantido a dimensão de transcendência das pessoas, ninguém teria sido reduzido à condição de coisa.

A dignidade infinita de cada pessoa salva-a do arbítrio dos sistemas. Tal só se mantém, se se guarda a dimensão pessoal. O jovem manterá respeito a si e aos outros à medida que lhe ficar clara a sua qualidade de espírito. Se o movimento ecológico tem lutado na defesa de toda vida vegetal e animal, com muito maior razão vale para o ser humano enquanto espírito.

A fé cristã vai mais longe. Afirma que o espírito humano ultrapassa a simples abertura ao Transcendente. Foi chamado a uma comunhão de amizade com a própria Trindade divina. Em termos teológicos, sua natureza espiritual pelo apelo e dom da graça se abre ainda mais até a intimidade do próprio Deus.

Se conseguíssemos passar ao jovem a beleza e grandeza da dimensão espiritual, mais facilmente resistiria aos engodos virtuais e propagandísticos. A abertura ao Transcendente e à comunhão com a Trindade constitui-lhe o próprio existir atual e concreto. Assim lançado constitutivamente para as esferas da vida própria de Deus, entenderá porque nenhuma realidade humana o preenche totalmente. E o vazio que sente, não se trata, no fundo, de um vazio, mas de aspiração positiva e maravilhosa em direção ao Deus trino. Verdade que não a viverá aqui na terra na plenitude desejada, mas perceberá sua presença na imediatez das realidades humanas.

À luz da fé cristã, o jovem experimenta que as dimensões de espírito se realizam na sua vida sob a forma da contemplação, do encontro profundo consigo, da abertura aos outros e do compromisso social.

A tendência a respeito do ser humano como práxis em determinada cultura

A tendência no mundo jovem em relação à práxis vai desde a consideração de que suas ações deviam responder aos anseios da família, sociedade e cultura dominante passando pela compreensão de que elas pretendiam mudar a realidade até a atual predominância de restringir-se ao campo do próprio interesse.

Três momentos, três saltos. Ficou para trás agir a fim de responder ao imperativo da tradição familiar, cultural, religiosa. O grito de independência e o firmar-se da autonomia se consideraram definitivos. A aparição de surtos tradicionalistas configuraram-se estertores de agonia e não tendência a con-

solidar-se. Às vezes, a cor tradicional permanece unicamente no nível da aparência. Lá, no fundo, esconde o desejo de segurança, de consolo, do próprio capricho, de exteriorização ainda que bizarra, típico da pós-modernidade.

Entre a posição tradicional e a pós-moderna, existiu momento em que predominou, em grupos lançados e avançados de jovens, a compreensão da práxis como ação transformadora das relações sociais, alimentada por uma teoria. No caso, prevalecia a ideologia marxista de criar a sociedade socialista e no futuro comunista. Tal tendência declinou fortemente, seja por causa da terrível repressão que os jovens sofreram, seja pela penetração incontrolável da ideologia neoliberal no seu mundo e seja pela queda fragorosa do socialismo no final da década de 80. Em casos menos numerosos, influenciaram também a posição conservadora da Igreja católica nas últimas décadas e o novo clima religioso reinante.

O determinante da práxis da geração atual se mede pela ideologia do melhor, do maior, da retribuição, do sucesso, do dinheiro, do triunfo rápido, da aparência, da busca da beleza externa. Em vez do ser, predomina o aparecer.

O fator econômico tornou-se decisivo para as opções profissionais e de vida. Em torno dele, giram as outras decisões tanto no campo profissional como familiar, afetivo e sexual.

Cabe aqui a distinção que fiz em outros momentos entre profissão e vocação³². A profissão visa a exercer atividade que a sociedade reconhece e regulariza. Exige competência, eficiência, preparação com cursos programados e titulação correspondente. Movem a escolha das profissões principalmente as perspectivas de trabalho, o prestígio e a melhor remuneração. A questão do dinheiro está por detrás dos jogos profissionais. Além disso, têm-se procurado profissões que garantam sucesso com certa rapidez. Assim quatro campos têm sido preferentemente procurado para eventuais triunfos rápidos: esporte para os craques, arte para os dotados, militar e carreira eclesiástica. As duas últimas têm a vantagem de automaticamente proporcionar segurança de vida com relativo pequeno esforço e sem especiais qualidades. Jovens de classes populares sentem atração por tais profissões que lhes proporcionam reconhecimento social certo pelo fato mesmo de se formarem nelas.

A vocação, por sua vez, brota de voz interior que sugere realização de toda a pessoa, sobretudo nas qualidades humanas. Como a própria etimologia do termo vocação revela – vocação tem *vox-vocis* (voz) na origem –, ela

³² LIBANIO, J. B.; HENGEMÜLE, E. *Mística e missão do professor*. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 39-42.

orienta-se na linha da saída de si para servir a comunidade, ao seguir o apelo último da voz da graça. Guarda a dimensão de alteridade que a profissão facilmente esquece, voltada antes para o reconhecimento social, prestígio, eficiência competente e remuneração polpuda.

As camadas de mais recursos econômicos buscam profissões que prometem melhor retribuição, prestígio e reconhecimento social. Vale muito o lugar em que se estuda. Procuram-se, por isso, as Instituições Superiores de alta reputação. O fato de frequentá-las serve de caução de futuro promissor. O acesso a elas se faz mais difícil e seletivo.

Ao lado de tal tendência, existe outra de colorido diferente, até mesmo contrastante. Considera o caminho da busca do melhor, do reconhecimento social por meio profissional como estressante. Opta então por vida festiva, leve, prazerosa. O termo chave chama-se prazer. Fazer somente aquilo que dá prazer. O resto não tem importância. Desliga do futuro, dos compromissos, das utopias.

Tal atitude surgiu, em parte, da decepção com a geração anterior que, em muitos pontos, se mostrou caxias, exata no cumprimento dos deveres. Mas não se intimidou de imiscuir-se em ações altamente criminosas. O protótipo de tal antimodelo foi, em termo mundial, o nazista Eichmann. Hannah Arendt analisou-o bem como alguém dedicado a sua tarefa burocrática com esmero, mas sem pensar. Por isso, organizou o transporte de milhares e milhares de judeus para o campo de extermínio³³. Em termos de Brasil, horrorizou-nos o gesto de jovens de classe média alta de Brasília que assassinaram o índio Pataxó Galdeano, ateando fogo em seu corpo, “por brincadeira”³⁴. Tal nível de cinismo espanta em jovens de nível social elevado, como se eles pudessem brincar com a vida alheia.

As tendências para a práxis eficiente ou para o agir acomodado à subjetividade fazem jus à cultura pós-moderna que manifesta tal dupla face. Enquanto prolonga a modernidade conquistadora, provoca juventude ambiciosa e enquanto se contrapõe a ela, produz um viver o presente sem preocupação. Em ambas as escolhas, o presentismo se mostra predominante. Herdam dos movimentos de Maio 1968 o traço da primazia do prazer, da autonomia extrema da subjetividade, da rejeição das imposições externas, venham de onde vierem.

A família sofreu o impacto do novo tipo de práxis com repercussões no campo jurídico. No Brasil, elaborou-se o Estatuto da Criança e do Adolescente com a finalidade de defendê-los de arbitrariedades de adultos. Visa à

³³ ARENDT, H. *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

³⁴ Galdino Jesus dos Santos in Wikipédia, a enciclopédia livre.

proteção integral da criança e do adolescente. Apesar das críticas, ele veio preservar a criança e o adolescente de influências exteriores que lhes violentem a autonomia. No entanto, como efeito colateral, não pretendido, tem levado adolescentes a ações até criminosas, instrumentalizados por adultos inescrupulosos que aproveitam da quase impunidade do menor.

No referente diretamente à família, a tendência no meio dos jovens tem ido na direção de diminuir a autoridade dos pais, de provocar neles atitudes de igualarem-se aos filhos, de terem dificuldade de impor-lhes limites e de até mesmo chegarem a defendê-los em atitudes repreensíveis, desautorizando instituições escolares ou outros órgãos diretamente envolvidos com a vida deles.

A escola e a universidade têm sido a caixa de ressonância das transformações do agir da nova geração. A tendência caminha na linha de menor distância, respeito, consideração dos jovens em relação aos professores, mestres, orientadores e diretores. Já na rebelião de 1968, os estudantes estamparam com todas as letras a rejeição dos professores: “Professores vós nos fazeis envelhecer”. A denominação velho para as gerações anteriores denota a atitude de desprezo e indiferença dos jovens em relação a elas.

Confronto com a fé cristã

A fé cristã guarda enorme respeito à Tradição. Sabe que não criamos a fé por nós mesmos. Paulo afirma categoricamente: “A fé vem pela pregação e a pregação, pela palavra de Cristo” (Rm 10, 17). A primeira atitude em face do passado não se mostra pela rejeição, mas pela acolhida. Somente, em segundo momento, entra a hermenêutica. Isso quer dizer que o culto da tradição não impede a autonomia, a liberdade dos sujeitos. A tradição se atualiza pela via da interpretação. Aceita-se o recebido. No entanto, pergunta-se pelo sentido do ensinamento ou prescrição para a situação atual. A interpretação implica acolhida e liberdade pessoal. Encaminha-se na direção de captar em profundidade o que a palavra, os ensinamentos dos maiores quiseram dizer e como isso nos afeta hoje.

No caso da fé, está em jogo a própria palavra de Deus. Há uma objetividade anterior inquestionável. O ser humano, porém, vive em determinada situação e essa palavra carece falar-lhe, não na literalidade e sim no que o toca.

Processo semelhante vale de toda postura humana diante das tradições. Cabe passar para a nova geração a compreensão de que se eles rejeitam o passado, sem mais, perdem a maravilhosa riqueza que a humanidade acumulou ao longo do tempo. Não precisamos descobrir a América sempre de novo. A cultura humana estabelece balizas e pontos de referências

irreformáveis. Avança-se para novos espaços, mas não se regride a patamares anteriores.

Tivemos no século passado o exemplo paradigmático da Assembleia Geral das Nações Unidas que, em 10 de dezembro de 1948, promulgou a Declaração Universal dos Direitos Humanos, como referência universal e obrigatória para todos os povos que a assinassem³⁵. As interpretações virão, porém, sobre a base da Declaração.

A fé cristã mostra a gravidade da ruptura com as tradições. Leva ao caos. E este, por sua vez, termina em fascismos e reações totalitárias. O excesso de liberalismo provoca o oposto.

Indo mais fundo, a fé pede autenticidade. Não funciona no nível do formalismo. Confunde-se facilmente a prática de ritos religiosos que, infelizmente, caem, não raro, na tentação da magia, do ritualismo externo com a fé que implica necessariamente consciência, liberdade e compromisso com a práxis da caridade e da justiça.

A correta interpretação da tradição serve para desmascarar, na tendência atual, a religiosidade vazia e superficial que oculta atitude narcisista, autocentrada e de puro consolo em vez da verdadeira entrega de si a Deus e aos irmãos, própria da fé cristã.

Jesus procedeu de maneira contundente contra o formalismo religioso, ostentado por certos grupos fariseus e outros. Para ele, o rito só tem sentido quando revela e expressa a interioridade. O mesmo vale das tradições. Importa mostrar às novas gerações que há aquelas que merecem ser vivenciadas hoje. Elas humanizam-nos, socializam-nos. O fato de ser do passado ou captado no presente não tem a mínima importância. Vale aquilo em que elas nos afetam positivamente. Sem experimentar dificilmente o sabemos. Por isso, a atitude de rejeitar *a limine* o que vem da tradição traz consequências imprevisíveis.

A fé cristã também critica a manutenção da tradição por ela mesma ou, pior ainda, na sua exterioridade, enquanto a subjetividade caminha pelas vias narcisistas. Ela pretende conduzir os jovens ao confronto da verdade de si com a pessoa de Jesus. Fora de tal enfrentamento, eles não encontram a autenticidade de si mesmo.

³⁵ O preâmbulo da Declaração da ONU mostra claramente a sua gravidade como ponto fundamental para a convivência humana: “Considerando que o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo”. Declaração Universal dos Direitos Humanos in portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm.

Aqueles, que ainda se deixam tocar pelas causas sociais, encontram na prática de Jesus estímulo e alimento. O veio rico de evangelização passa cada vez mais pela prática de Jesus³⁶. Não os convence tanto os catecismos, o conhecimento de verdades, mas o embate com a pessoa de Jesus no realismo de sua vida³⁷.

A forte busca do êxito brilhante e do sucesso profissional tão forte na tendência presente entre os jovens recebe da fé cristã excelente toque. Não nega tal busca, mas orienta-a na linha da superação da pura profissão para descobrir a vocação de entrega como o típico da perspectiva cristã. Jesus traduziu a sua vocação como fazer a vontade do Pai que se concretizou no dom da vida para a salvação da humanidade³⁸. Tal vocação dá sentido às profissões, corrigindo-lhes o caráter egocentrado.

O prazer torna-se o ponto fulcral do agir da geração nova. J. Cl. Guillebaud fez brilhante análise de tal fator decisivo na sua complexidade e ambiguidade³⁹. De novo, a vida de Jesus lança luz esclarecedora. Diferente de João Batista, Jesus aceitou e vivenciou alegrias e prazeres da vida cotidiana. Os inimigos chegaram a achacar-lhe o insulto de comilão e beberrão (Mt 11, 19). Nada nele, porém, configurava um sibarita ou hedonista. Pelo contrário, viveu terrível pobreza. Sofreu as contingências da vida humana. Ao escriba que queria segui-lo, contesta: “As raposas têm covis, e as aves do céu têm ninhos, mas o Filho do homem não tem onde reclinar a cabeça” (Mt 8, 19-20).

A capacidade de Jesus viver a dupla realidade do prazer, alegria, refeições, bodas e da renúncia exigida pela vocação permite-nos redimensionar a tendência atual da juventude pós-moderna. São Paulo não hesita afirmar que aprendeu a se bastar em qualquer situação e a saber viver na penúria e na abundância, em toda e qualquer situação, quer estando farto ou passando fome, tendo de sobra ou passando falta. Conclui dando o sentido da disposição de liberdade: “Tudo posso naquele que me dá força” (Fl 4, 11-13).

³⁶ ECHEGARAY, H. *La práctica de Jesús*. 2. ed. Perú: CEP, 1981.

³⁷ J. Pagola oferece excelente exemplo de obra que leva o jovem a testar a própria vida à luz do Jesus histórico. A partir daí se abre caminho para verdadeira crítica à prática tanto conservadora externa quanto à mera acomodação pós-moderna na banalidade do presente. Tem força para despertar a pequena fâmula de idealismo que ainda permanece na geração atual. PAGOLA, J. A. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2010.

³⁸ O evangelho de João excede em tal teologia. Jesus faz o que vê o Pai fazer (Jo 5, 19).

³⁹ GUILLEBAUD, J.-Cl. *A tirania do prazer*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

Conclusão

A complexa situação da juventude desafia a fé cristã. Dela depende que a fé continue sendo vivida explicitamente. Na idade juvenil acontece o término da iniciação cristã. O ideal da pastoral com os jovens visa a que eles cheguem ao início da vida adulta, bem assentados nos fundamentos da fé.

Implica que tenham experimentado a tensão entre a experiência presente e os anseios futuros em relação com a experiência de Deus em processo de crescimento desde a bela e pura mística infantil atravessando a turbulência da adolescência para atingir o início da fé madura.

Na adolescência, passaram por provocações tanto do culto do corpo quanto do momento do descuido em vista de compromissos sociais e de vida despojada. Nem faltaram as experiências de vazio, de angústia, de depressão, com busca sôfrega do prazer. Alguns se perderam aí até beirar ou cometer suicídio.

A fé se lhes torna fonte de autocrítica e de superação, quando confrontam a própria vida com a pessoa de Jesus nos evangelhos. As pastorais que esquecem o Jesus histórico terminam em alienação e não conseguem dar sentido à vida do jovem de hoje.

Têm surgido movimentos eclesiais com forte apelo junto aos jovens, ao proporem a vida cristã em forma comunitária com incrível diversidade de expressões. Torna-se difícil discernir aquelas que contêm densidade e profundidade e se mostram capazes de durar daquelas que não passarão de fogo de palha. Há também as que mantêm certo contingente humano que, no entanto, se assemelham a ônibus circular, sempre cheio, mas não das mesmas pessoas. A mobilidade interna dos participantes ameaça a estabilidade da instituição. Entram e saem com enorme facilidade.

Aqui vale a resposta prudente do sábio Gamaliel a respeito do futuro do grupo de discípulos de Jesus. Interpretemo-la a respeito dos novos movimentos de jovens: “não vos preocupeis com estes homens e deixai-os ir embora. Porque, se este projeto ou esta atividade é de origem humana, será destruída. Mas, se vem de Deus, não conseguireis destruí-los. Não aconteça que vos encontreis combatendo contra Deus (At 5, 38-39)!”

A verdade e a autenticidade do carisma se provam no processo histórico de institucionalização. Só o tempo verifica a consistência das novas comunidades de vida. Estamos nos inícios e ainda não há distância para se fazer juízo sobre várias das experiências em curso.

O tipo tão diverso dos movimentos revela a natureza da pós-modernidade que mistura no cadinho do tempo ingredientes bem diferentes. E as misturas

estão aí aos olhos de todos. O traço conservador firma-se em vários deles com toques de pós-modernidade.

Fica-nos a tarefa de testá-los todos à luz da fé cristã, confrontando-os com a figura palestinense de Jesus. À medida que eles assumirem de veras o seguimento de Jesus no contexto social conflituoso atual se mostrarão promissores e resposta à pluralidade das tendências dos jovens.

João Batista Libanio. Doutor em Teologia Sistemática, Pontifícia Universidade Gregoriana. Professor emérito do Departamento de Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte-MG. Autor de inúmeros artigos e obras de teológicas. Entre as mais importantes obras, encontram-se: *Teologia da revelação a partir da modernidade* (1995); *Eu creio, nós cremos: tratado da fé* (2004); *Ecologia: vida ou morte?* (2010); *Teologia e ciências da religião* (2011); *A arte de formar-se*, 6. ed. (2012); *Para onde vai a juventude?: reflexões pastorais*, 2. ed. (2012).

Endereço: Av. Dr. Cristiano Guimarães, 2127
31720-300 Belo Horizonte – MG
<www.jblianio.com.br>
e-mail: jblianio@faculdadesjesuita.edu.br